

Teia AGROECOLÓGICA

BAHIA

BOLETIM INFORMATIVO SOBRE
TECNOLOGIAS SOCIAIS EM
AGROECOLOGIA
ANO 1 / EDIÇÃO Nº 10 / MAIO DE 2019



ARTICULAÇÃO
NACIONAL DE
AGROECOLOGIA

Foto: William França / ANA



Nascida para gerar renda e trabalho, principalmente para as juventudes que saíam das comunidades, a Apssé começou com a produção de mel e diversificou os produtos, alcançando diversos mercados

Apssé: organização comunitária, produção e comercialização no Sertão do São Francisco

A experiência da Associação dos Apicultores de Sento Sé (Apssé) é um testemunho de como a organização local de agricultoras e agricultores é capaz de aglutinar e orientar o esforço de um grupo com intenção de gerar renda. Localizada no município de Sento Sé – antes na margem direita do rio São Francisco, hoje, ao sul do Lago de Sobradinho – em pleno território do Sertão do São Francisco na Bahia, a Associação reúne comunidades que estão a cerca de 10 quilômetros da sede do município e a 190 de Juazeiro (BA), cidade polo do território.

AS ORIGENS

As famílias das comunidades de Andorinhas e as vizinhas Itapera e Fazenda Beleza, envolvidas na experiência da Apssé, passaram pelo processo traumático de serem “retiradas” do local de origem, na

beira do rio São Francisco, para a construção do Lago de Sobradinho no final dos anos 1970. De forma espontânea e caótica, se reassentaram numa região de mata nativa, a Caatinga.

Aproximadamente 20 anos depois, muita gente saía da região, principalmente as juventudes. O vigário e os agentes da Pastoral Rural de Sento Sé começaram a debater junto às famílias a necessidade de implantar ou reforçar atividades que gerassem renda, sobretudo para os mais novos. Nesta busca e com o exemplo de outros grupos, surgiu a ideia de trabalhar com apicultura. As entidades de apoio Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (Irapaa) e Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop) contribuíram nessa discussão e, ao longo dos anos, ofereceram assessoria técnica e organizacional no território.

O início das atividades, com um grupo pequeno e algumas colmeias e ferramentas, aconteceu em 1998. Os recursos obtidos com a venda das primeiras colheitas de mel foram reinvestidos na própria atividade – aquisição de macacões, máscaras e outros equipamentos importantes – e foi iniciada a construção da casa de mel. Em 1999, uma doação da Paróquia permitiu comprar mais colmeias, que eram “emprestadas” aos membros do grupo e estes, com os recursos obtidos na venda do mel, devolviam um valor ao “caixa comum”, fazendo assim com que mais pessoas pudessem iniciar a atividade.

FUNDAÇÃO E TRAJETÓRIA

Estimulado pela possibilidade de completar a construção da casa de mel, o grupo decidiu avançar na sua organização, formalizando uma entidade. Após debate, chegou-se à conclusão que era melhor criar uma

Além de produzir mel, Aapssé avançou
no beneficiamento de frutas



Fotos: William França/ ANA





Foto: William Franze/ ANA

associação, já que uma cooperativa era vista como algo bem mais complicado e difícil de administrar. Assim, a Aapssé foi fundada em 2002 por 18 associadas (os) fundadoras (es) como uma “associação temática” dedicada à apicultura. Nela, congregavam-se sócias (os) de diferentes comunidades, sendo o grupo maior de Andorinhas e vizinhança.

A fundação da Associação não bastou para conquistar o registro de produtora de mel na Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab), que só foi obtido em 2005, três anos depois do início da construção e após cinco modificações na estrutura original da casa de mel. E, até hoje, esta odisseia não terminou: recentemente, a Adab notificou a Associação sobre mais uma pendência que coloca em risco seu registro.

Devidamente registrada, a Aapssé integrou-se à Rede Sabor Natural do Sertão e foi dominando o processo produtivo, com colheitas significativas de mel, e adquirindo diversos equipamentos de beneficiamento. Recentemente, projeto aprovado em edital do Ecoforte completou a estruturação da casa.

Mas a seca dos últimos anos interrompeu esta trajetória positiva. Chuvas muito abaixo da média histórica levaram a uma florada mais rala e empobrecida e à perda de enxames. As safras de mel diminuíram muito. Para amenizar o problema, o grupo plantou um pomar de três hectares de caju e outras fruteiras nas proximidades da casa de mel. Uma estratégia que deu certo não só para aumentar a produção, mas para produzir a fruta e a castanha. No entanto, o pomar também sofreu muito com a seca.

DIVERSIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO

Em 2008, surgiu a ideia de processar outros produtos para vender. Como havia muita mandioca nas comunidades e várias casas de farinha na região, um grupo de mulheres decidiu iniciar a produção de biscoitos de tapioca. Com ajuda da Paróquia, foi construído um pequeno espaço de beneficiamento. Com apoio da prefeitura, elas compraram um forno e mobilizaram outros recursos acessando o Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). E com investimentos de projeto aprovado em edital do Ecoforte conseguiram comprar o filtro para a água da fabricação dos produtos.

A partir de 2011, em plena época de seca, o pomar também estimulou a Aapssé a beneficiar frutas. A atividade atravessou os sete anos de estiagem. Em um pequeno local foram instalados novos equipamentos, como uma despulpadora e um freezer, tendo início a fabricação de polpas. E a unidade foi ainda mais equipada com investimentos do Ecoforte. Mais recentemente, impulsionada pela oportunidade oferecida pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), a Aapssé passou a produzir e vender alguns produtos agrícolas *in natura*, como macaxeira, abóbora e pimentão.

Hoje, a Aapssé possui 22 associadas (os) ativas (os) e mais oito colaboradoras (es). A casa de mel, a unidade de produção de biscoitos e a unidade de polpa estão instaladas na Fazenda Beleza, onde também existe uma antiga casa de farinha. Parte dos alimentos beneficiados vem do pomar e de uma pequena mata, que fica próxima às colmeias. Outro volume grande de matéria-prima vem de comunidades vizinhas, inclusive a tapioca.

ACESSO A MERCADOS

Nos últimos 20 anos, houve uma evolução no mercado de mel na região. A dificuldade inicial foi superada com a estruturação de um mercado comprador de mel centrifugado. Na sua trajetória, a Aapssé trabalhou com diversos canais de acesso a mercados: o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Pnae, atravessadores, freguesia local e feiras amplas, como o Semiárido Show, em Petrolina (PE), e a Feira da Agricultura Familiar, na capital baiana Salvador. Vale destacar que Sento Sé (BA) é o único município da região que não tem feira livre. O grupo tentou instalar uma barraca na rua, mas não teve sucesso.

A Associação executou quatro contratos do PAA, entre 2006 e 2012. Depois, começaram as restrições burocráticas que estagnaram o acesso ao Programa. Em 2011, a associação trabalhou com o Pnae estadual e, a partir do ano seguinte, com o municipal. Em um primeiro momento, as vendas ao Pnae incluíam mel, sequilhos e peta. Em 2017, as únicas vendas via prefeitura foram de aipim e pimentão. Em 2018 foram incluídos sequilhos, polpas de frutas, petas, aipim e coentro.

Os diversos produtos da Aapssé também eram comercializados na “lojinha”, que inspirou a construção do Armazém da Central da Caatinga (Cecaat), ponto de venda no centro de Juazeiro (BA) que reúne produtos de diversos grupos e entidades da Rede Sabor Natural do Sertão. Em 2016, o faturamento total da organização foi de pouco mais de R\$25 mil e, em 2017, R\$22 mil. Nos dois anos, a receita do mel representou quase 36% do total comercializado e a dos derivados da tapioca, um pouco mais de 40%. A inserção da Aapssé no mercado ampliado, por meio da Cecaat, deve alterar sua forma de organização, uma vez que essa é uma central de cooperativas. Duas opções estão em estudo: se transformar numa cooperativa ou se tornar um núcleo local de outra cooperativa maior.

PARCERIA



APOIO



ISBN 978-85-87116-31-4



9 788587 116314